



DESIGN E MEMÓRIA: O FAZER MANUAL NA CONTEMPORANEIDADE COMO CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS QUE RESGATEM MEMÓRIAS AFETIVAS

**DESIGN AND MEMORY: THE MANUAL MAKING IN
THE CONTEMPORANEITY AS A CONTRIBUTION
TO THE DEVELOPMENT OF PROJECTS THAT RESCUE
AFFECTIVE MEMORIES**

MARCELA ARAUJO MELO
Centro Universitário Estácio de Belo Horizonte
marcelamelo@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo apresenta uma reflexão sobre o atual interesse de jovens nascidos entre 1980 e 1999 em utilizar técnicas manuais como o bordado, tricô e crochê para se expressarem em diferentes linguagens, contrapondo aos avanços tecnológicos da contemporaneidade. Denominados de geração Y ou *millennials*, este grupo forma a primeira geração a chegar à vida adulta no século XXI. Eles cresceram em uma época de grandes avanços tecnológicos e transitam pelo espaço virtual com grande facilidade. Embora constantemente conectados à internet por meio de seus dispositivos tecnológicos, vêm liderando um movimento de resgate das práticas manuais. Refletir sobre a relação desse grupo com as técnicas manuais tem por objetivo entender a motivação em resgatar conhecimentos tradicionais e de que forma a lembrança despertada por essa prática interfere no design, contribuindo, assim, para o desenvolvimento de projetos que resgatem memórias afetivas.

Palavras-chaves: Técnicas manuais; memória afetiva; design.

ABSTRACT

This article presents a reflection on the current interest of young people born between 1980 and 1999 to use manual techniques like embroidery, knitting and crochet, to express themselves in different languages, in contrast to the contemporary technological advancements. Called Generation Y and millennials, this group forms the first generation to reach adulthood in the XXI century. They grew up in a time of great technological advances and transmitted through virtual space with great ease. Although constantly connected to the internet through their technological devices are leading a movement to rescue practices manuals. Reflect on the relationship of this group with the technical manual aims to understand the motivation for rescuing traditional knowledge and how the memory aroused by this practice interferes with the design, thus contributing to the development of projects that recover affective memories.

Keywords: Technical manuals; affective memory; design

Contrapondo aos avanços tecnológicos do mundo contemporâneo e ao ritmo frenético estabelecido pela sociedade de consumo onde “querer que o tempo pare é sintoma de estupidez, preguiça ou inépcia” (BAUMAN, 2008, p. 51), alguns jovens nascidos entre 1980 e 1999, os denominados geração Y ou *millennials*, se reúnem em torno de agulhas e linhas e utilizam técnicas manuais como o bordado, tricô e crochê para produzir peças singulares repletas de valores simbólicos que despertam lembranças e proporcionam experiências agradáveis.

Os jovens *millennials* resgatam o fazer manual e preservam a tradição, o ritmo lento e a exclusividade intrínseca ao ofício das agulhas. Porém, agora, com um ar contemporâneo por meio das tramas avantajadas, aplicações inusitadas, combinações variadas de cores e pontos diferenciados.

O bordado é uma técnica feita sobre tecido ou outro suporte, utilizando agulha, linha e bastidores, para ornamentar a superfície com diferentes fios formando desenhos. O crochê e o tricô são técnicas de entrelaçamento de fios que produzem um trançado semelhante ao de uma malha ou renda. No crochê utiliza-se uma agulha em formato de gancho e o tricô é feito com duas agulhas. Essas técnicas exigem paciência, cuidado e muita dedicação (UDALE, 2009).

O conhecimento dessas técnicas milenares era transmitido de geração em geração e remonta momentos vividos em família. As mulheres se reuniam em torno das agulhas e linhas e compartilhavam suas experiências e saberes.

O atual interesse de alguns jovens em resgatar as práticas manuais aparece como uma reação aos aspectos da contemporaneidade, em que a convivência presencial e o tempo são escassos. Ao se valerem dessas técnicas, os *millennials* se reúnem em grupos, reinventam o bordado, o tricô e o crochê e estabelecem uma nova relação com o tempo.

Para Adélia Borges, em seu livro “Design + artesanato: o caminho brasileiro”, os objetos artesanais oferecem uma experiência real em um mundo virtual e transmitem valores como calor humano, singularidade e pertencimento. Para a autora:

Em vez da uniformidade e da padronização dos objetos industriais, são únicos, nunca idênticos. Têm a beleza da imperfeição - ou a “boniteza torta” de que falava a escritora e folclorista Cecília Meirelles. Envelhecem com dignidade, podendo permanecer ao nosso lado por toda a vida. Eles nos contam de um lugar preciso, onde foram feitos por pessoas concretas. São honestos, confiáveis. Transmitem cultura, memória. Trazem um sentido de pertencimento. Por tudo isso, podem tocar- e o uso do verbo tocar não é fortuito - nosso coração, a nossa alma (BORGES, 2011, p. 204).

Nesse sentido, pensar acerca das relações estabelecidas entre esse grupo de jovens contemporâneos e as técnicas manuais se faz necessário no momento atual em que os designers passam a considerar as relações estabelecidas entre o usuário e os objetos que os cercam. Nessa nova abordagem, muito mais do que desempenhar funções mecânicas, os produtos participam de nossas ações cotidianas e desencadeiam lembranças e emoções. Para Damázio (2008), os designers podem planejar a forma das relações sociais que seus produtos vão promover.

Desse modo, ao explorar as relações desses grupos com as técnicas manuais espera-se contribuir com subsídios para o desenvolvimento de projetos que têm o foco na emoção e resgatam a memória afetiva.

1

Geração Y é uma definição criada pelo *Advertising Age*, revista norte americana de publicidade e propaganda, que definiu em 1993, os hábitos de consumo dos adolescentes da época. Como eram filhos dos integrantes da Geração X, se achou óbvio, que essa nova geração fosse chamada pela próxima letra do alfabeto. Disponível em: <<http://www.ifd.com.br/marketing/geracao-x-geracao-y-geracao-z/>>. Acesso em ago. 2012.

2

Millennials - definição de William Strauss e Neil Howe. Em 1991, os autores publicaram o livro “*Generations: the history of america's future*”, em que afirmam a existência de um ciclo geracional que passa por um processo de renovação a cada 22 anos. Disponível em: <<http://www.cranberryabc.com/wp-content/uploads/2014/11/Cranberry-CBT-Teoria-Geracional-Strauss-Howe.pdf>>. Acesso em: ago.2012

GERAÇÃO Y E HIPERMODERNIDADE

Os jovens nascidos entre 1980 e 1999, denominados de Geração Y¹ ou *millennials*², formam a primeira geração a chegar à vida adulta no século XXI. Essa geração cresceu em uma época de grandes avanços tecnológicos e, diferente da geração anterior que percebia as tecnologias como surpreendentes inovações da era digital, os jovens da geração Y as consideram parte integrante de suas vidas.

Constantemente conectados, transitam pelo espaço virtual com grande facilidade e possuem a interatividade como uma forma de relacionamento. Para lidar com a simultaneidade dos espaços virtuais, desenvolveram uma capacidade multitarefas. Esses jovens deixam vários aparelhos ligados ao mesmo tempo e interagem em diferentes espaços virtuais sempre em busca de informação para realizar alguma atividade ou suprir uma necessidade. Fascinados por novidades se sentem motivados ao aprender novas habilidades (CARVALHO, 2011).

Os jovens *millennials* são imediatistas em todos os aspectos de suas vidas, a velocidade com que se conectam com o mundo estabelece o ritmo de suas relações e promove conexões com outros jovens ao redor do mundo. Valorizam o presente e buscam aproveitar cada instante experimentando novas experiências sem a ilusão de que podem controlar o futuro sempre em busca da felicidade instantânea. O comportamento dessa geração é consequência direta da época em que foi criada. Suas crenças, valores e prioridades refletem as características de uma sociedade que Gilles Lipovetsky identificou como “hipermoderne”, em que os valores criados na modernidade anterior se apresentam sob o signo do excesso. “Cada domínio apresenta uma vertente excrescente, desmesurada, sem limites [...] tudo se passa como se tivéssemos ido da era do pós para a era do hiper” Hiperconsumo, hipercapitalismo, hiperindividualismo: todos os aspectos da sociedade contemporânea são elevados à potência máxima (LIPOVETSKY, 2004. p.55-56).

De acordo com Lipovetsky (2004), essa transformação ocorreu principalmente pelo avanço brutal da globalização e das novas tecnologias de informação ocorridos a partir de 1980. De um lado, a mídia eletrônica e informática possibilitaram a informação e os intercâmbios em “tempo real”, criando uma sensação de simultaneidade e imediatez. De outro lado, a ascendência do mercado e do capitalismo financeiro passou a estimular o desempenho em curto prazo, a circulação acelerada dos capitais em escala global e as transações econômicas em ciclos cada vez mais rápidos.

Desse modo, esses fenômenos acabaram comprimindo o “espaço tempo” numa lógica de urgência que desvaloriza sempre mais as formas de espera e de lentidão. Ao interferir nas escalas do tempo, a sociedade globalizada e

informatizada contribuiu para o apogeu da valorização do presente. Assim,

No universo da pressa, dizem, o vínculo humano é substituído pela rapidez; a qualidade de vida, pela eficiência; a fruição livre de normas e de cobranças, pelo frenesi. Foram-se a ociosidade, a contemplação, o relaxamento voluptuoso: o que importa é a auto-superação, a vida em fluxo nervoso, os prazeres abstratos da onipotência proporcionados pelas intensidades aceleradas. Enquanto as relações reais de proximidade cedem lugar aos intercâmbios virtuais, organiza-se uma cultura de hiperatividade caracterizada pela busca de mais desempenho, sem concretude e sem sensorialidade, pouco a pouco dando cabo dos fins hedonistas (LIPOVETSKY, 2004, p.80).

Uma das consequências de uma sociedade presentista é o clima de pressão temporal crescente. A lógica da urgência e imediatez faz com que o tempo seja vivido com uma preocupação maior em fazer mais no menor tempo possível.

Os efeitos desse ritmo acelerado ultrapassam as esferas do trabalho e se apossam de outros aspectos da vida contemporânea, influenciando na relação com o cotidiano no qual a sensação que prevalece é a de que o tempo se rarefaz.

Paralelamente a essa nova adequação à aceleração da vida, um poder maior de organização individual dos usos do tempo se apresenta. E é nesse cenário de avanço tecnológico, ritmo frenético, relações virtuais e imediatismos que alguns jovens da Geração Y se reúnem em torno de técnicas tradicionais que exigem não somente paciência, mas, também, outra relação com o tempo. Esse comportamento vem confirmar a característica paradoxal da sociedade contemporânea dividida entre a cultura do excesso e o desejo da moderação.

Dessa forma, esses grupos de jovens contemporâneos se apresentam não como escravos da nova ordem social que exige eficiência, mas como pessoas livres para seguirem outras motivações e outros ideais. “O reinado do presente é menos o da normatização da felicidade que o da diversificação dos modelos, da erosão do poder organizador das normas coletivas, da despadronização dos prazeres” (LIPOVETSKY, 2004, p.82).

Ao adotarem as técnicas manuais, alguns jovens *millennials* estabelecem uma nova relação com o tempo e adquirem mais qualidade de vida, mais convivência e menos ritmo. Conciliando as agulhas e linhas com seus dispositivos tecnológicos e digitais, compartilham suas produções, trocam informações e estabelecem novas relações no mundo real e virtual de forma simultânea.

Para Agamben, pertence verdadeiramente ao seu tempo, aquele que não coincide perfeitamente com este, mas que por meio desse deslocamento é capaz de perceber e apreender o seu tempo. Para o autor:

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mas precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela (AGAMBEN, 2009, p. 59).

Se por um lado, ao se valerem de técnicas manuais para se expressarem em diferentes linguagens, os jovens *millennials* renovam sua vivência do tempo; por outro, resgatam valores tradicionais e memória afetiva.

A prática artesanal, tradicionalmente considerada como uma ocupação feminina, está ligada a uma memória coletiva de ambiente familiar e evoca lembranças de tempos considerados seguros, onde existia qualidade de vida, conforto e convivência.

A reorganização da vida econômica no tempo hipermoderno teve como consequência um sentimento generalizado de vulnerabilidade e incerteza. A pressão por rentabilidade, flexibilidade, consumo exacerbado e a lógica urgentista fez mudar o espírito do tempo; é na insegurança que cada vez mais se vive o presente (LIPOVETSKY, 2004, p. 63).

Para amenizar esse sentimento, o indivíduo hipermoderno busca em referências do passado novas formas de construir sua identidade e sua realização pessoal. Para Lipovetsky, o reflorescimento do passado aparece como um referencial da vida com qualidade e segurança.

Isso porque o “autêntico” tem sobre nossas sensibilidades um efeito tranquilizador: os produtos “a moda antiga”, associados a um imaginário de proximidade, de convivialidade, de “bons e velhos tempos” (a aldeia, o artesão, o amor ao ofício), vêm exorcizar o desassossego dos neoconsumidores obcecados com segurança de todo tipo, desconfiados da industrialização do comestível (LIPOVETSKY, 2004, p. 90).

Assim, os jovens hipermodernos, vivenciando o clima de insegurança e vazio estabelecido no mundo atual, encontram no fazer manual o conforto da convivência familiar e rememoram o passado. Nessa nova geração de artesãos, as técnicas manuais se tornam uma linguagem expandida, que é traduzida não só em artigos de moda, decoração e design como também em manifestações artísticas.

■ GERAÇÃO Y E AS TÉCNICAS MANUAIS -O FAZER MANUAL E A LEMBRANÇA

A estilista gaúcha Helen Rödel, de 29 anos, aprendeu a bordar, tricotar e fazer crochê ainda criança com sua mãe. Com uma grife própria desde 2007, destaca-se entre os designers de sua geração. Apresentou suas criações na *Iceland Fashion Week* - semana de moda islandesa -, colaborou com suas peças para as marcas Ellus e Redley e, em junho de 2002, participou da edição primavera/verão 2012/13 da Casa de Criadores em São Paulo.

Em um vídeo documentário³ dirigido pelo coletivo Aura, a estilista conta sobre o processo criativo da coleção Estudos MMIX: “Eu escolhi trabalhar com técnicas lentas e manuais em que os números são diferentes da produção industrial. Estas técnicas exigem extrema paciência” (RÖDEL, 2011).⁴

Em outro momento, relata que, embora tenha um espírito campesino e se sinta muito bem em um ambiente natural, ela não abre mão do trânsito entre o campo e a cidade, e utiliza este diálogo em suas criações. Ao mesmo tempo em que sente urgência de conhecimento e interação com as coisas do mundo, ela afirma que a vida precisa equilibrar esse seu aspecto acelerado com a imersão em uma tarefa que demanda muito de seu tempo e de sua paciência:

Se dedicar por muitas horas construindo uma peça é um exercício de paciência, e, paciência é sabedoria. Se anda para frente, mas também, se anda para trás. Esse movimento constante de tecer e desmanchar é uma metáfora para o andamento da vida e o desdobramento do tempo (RÖDEL, 2011).⁵

Os depoimentos acima demonstram uma das características do jovem contemporâneo, que, embora não se adapte perfeitamente ao seu

tempo, sabe que não pode fugir dele. Dessa forma, dividindo e interpondo as características do novo tempo, Helen Rödel é capaz de transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos.

Em uma entrevista ao canal GNT⁴, a designer explica sua motivação em utilizar as técnicas manuais:

Trabalhar com técnicas manuais é uma forma de eu me manter mais próxima da minha mãe, e isso me fascina bastante. É a possibilidade de aprender ainda mais com ela. Agente tinha uma tradição de fazer suéters para a família toda. Íamos aos armários e escolhíamos os fios juntas (RÖDEL, 2012).⁵

Ao optar por uma prática tradicionalmente artesanal, Helen relembrava momentos agradáveis de sua infância, de uma época tranquila, segura e confortável.

Do mesmo modo, a artista plástica Carolina Ponte aprendeu a fazer crochê na infância, com sua mãe. Nesta época, costumava criar roupas para suas bonecas, hoje, utiliza a técnica artesanal como

³ Disponível em <<https://vimeo.com/24927348>>. Acesso em: mar. 2013.

⁴ Disponível em: <<http://gnt.globo.com/moda/lilian-pacce/Vem-ver-os-destaques-da-Casa-de-Criadores-.shtml>>. Acesso em: 03 abr.2013.

⁵ Depoimento obtido em reportagem do GNT Fashion do canal GNT, exibido em 16 de julho de 2012. Disponível em: <<http://gnt.globo.com/moda/lilian-pacce/Vem-ver-os-destaques-da-Casa-de-Criadores-.shtml>>. Acesso em: 03 abr.2013.

plataforma para suas criações. Nascida em Salvador, na Bahia, atualmente vive e trabalha em Petrópolis, no Rio de Janeiro. Formada na Escola de Belas Artes, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2005, dedicou-se ao desenho e à pintura sem abandonar as brincadeiras lúdicas de sua infância que, atualmente, foram incorporadas ao fazer artístico. Desde então, expõe suas obras em galerias do Rio de Janeiro. Para ela, o que interessa é a tradição ornamental do crochê; o fato deste não ser um elemento típico da arte e ter a aparência de enfeite da “casa da vovó”. A artista aprecia o resultado estético que pode conseguir por meio da técnica.

Carolina entende que sua obra atinge desde pessoas que relacionam o crochê com as esculturas moles de Lygia Clark até os que o associam aos paninhos de crochê que têm em casa, pois o trabalho manual suscita a familiaridade, uma vez que é compreendido por várias culturas e diversas gerações.

O resgate da técnica por Carolina Ponte, assim como por Helen Rödel, afirma outra característica da contemporaneidade, a integração de valores básicos, como apreço a modos de vida simples e mais integrados com a natureza, às características da hipermoderneidade. Para Lipovetsky “[...] a supermoderneidade é integradora. Não mais a destruição do passado, e sim sua reintegração, sua reformulação no quadro das lógicas modernas do mercado, do consumo e da individualidade” (LIPOVETSKY, 2004, p. 37).

Paula Braga, membro do conselho curatorial da galeria de arte Zipper, em São Paulo, onde Carolina Ponte expõe seu trabalho atualmente, descreve o trabalho da artista, no site da galeria, intensificando o desejo do indivíduo contemporâneo de reinventar o seu tempo:

Os desenhos e esculturas moles de Carolina Ponte oferecem um tempo que estava perdido: a duração que se

vivencia na atividade de fazer crochê. Para nós que vivemos no tempo das mensagens instantâneas em banda larga é um alívio lembrar que o tempo pode assumir outras formas, menos ariscas, menos pontiagudas, e passar devagar, construindo nós intrincados com linhas coloridas (BRAGA, 2011)⁶

Com essa mesma vontade de reinventar o tempo, Flávia Lhacer, de 28 anos, figurinista e stylist, e Vanessa Rozan formaram um grupo para interessadas nas artes manuais. Batizado de “Clube do útero”, o grupo compartilha dicas e se reúne para praticar o bordado, o tricô e o crochê. Em uma reportagem publicada em agosto de 2012, na Revista Cláudia⁷, Vanessa descreve sua sensação ao utilizar as técnicas artesanais: “Eu me sinto bem exercitando o feminino. Dá força, pois é um modo de agir e pensar diferente do usado no trabalho, que em geral tem um ambiente competitivo e mais próximo do universo masculino” (ROZANAN, 2012)⁸.

Para Flávia Lhacer, aderir às artes femininas foi como um ato de resistência ao cotidiano frenético. Ela começou a tricotar depois de uma viagem de um mês à Califórnia, onde conheceu os movimentos “Do It Yourself” (DIY), cujos

⁶
Disponível em <<http://www.zipergaleria.com.br/pt/#artistas/carolina-ponte/>>. Acesso em mar. 2013.

⁷
Disponível em: <<https://issuu.com/mdemulher/docs/claudia-revolucao-das-agulhas>> Acesso em mar. 2013.

⁸
Depoimento disponível em reportagem publicada na matéria Revolução das Agulhas, disponível em: <<https://issuu.com/mdemulher/docs/claudia-revolucao-das-agulhas>> Acesso em mar. 2013.

participantes pregam a produção das próprias roupas e de seu mobiliário, e Slowfood, que valoriza a comida e as refeições feitas sem pressa. Na época, ela estava sem férias havia três anos e o contato com esses movimentos fez com que ela percebesse a necessidade de desacelerar sua vida: “No tricô, só se resolve um problema com tempo e paciência. Se erro um ponto, tenho de desfazer e começar de novo. É a lógica oposta da minha vida profissional, que exige rapidez em tudo” (LHACER, 2012)⁹.

Ainda na mesma reportagem, Carla Mayumi, especialista em inovação da agência de pesquisa de tendências Box 1824, aborda outro aspecto do resgate das antigas artes manuais: “Hoje, a convivência presencial e a possibilidade de criar itens materiais, bem palpáveis, voltaram a ser vistas como coisas importantes” (MAYUMI, 2012)¹⁰.

Carla, assim como Cristiane Bertoluci, aprenderam tricotar com suas mães, tias e avós e, juntas, criaram o coletivo “Tricotarde”, que reúne jovens adeptos das técnicas manuais e promove intervenções urbanas. Em maio de 2011, no Parque Trianon, na capital paulista, cobriram postes e estátuas com crochê e o tricô de forma colorida e divertida. Outro projeto interessante foi o “Tricotando a Cidade”, em que espalharam flores, folhas e tapetes feitos em tricô pelas ruas da cidade de São Paulo.

A prática de cobrir o espaço urbano com técnicas manuais faz parte de um movimento conhecido como *Yarn Bombing*, ou “Bombardeio de fios”. O movimento teve início em 2005, quando Magda Sayeg decidiu fazer intervenções em tricô para divulgar sua loja no Texas. Atualmente lidera o projeto *Knitta, please*(Tricote, por favor) incentivando a realização de intervenções em diversas partes do mundo. A arte urbana ganhou adeptos em diversos países e hoje vestem sinais de trânsito, ônibus, escadas, postes, monumentos, bancos de praças entre outros mobiliários urbanos com padrões coloridos que “aquecem” o espaço

público e resgatam saberes tradicionais.

Além de resgatar e divulgar os saberes tradicionais por meio de ações coletivas, para Cristiane Bertoluci, a prática, também demonstra uma aversão à produção massificada e o desejo de buscar algo diferente para vestir e que tenha algum valor sentimental. Além disso, a artista acredita que a sua geração quer personalizar a própria vida¹¹.

Para Helen Rödel, o fazer manual traz lembranças de sua infância e remonta momentos vividos em família; Carolina Ponte associa a técnica aos “enfeites da casa da vovó” e ao sentimento de familiaridade; as integrantes do coletivo “Clube do útero”, Flávia Lhacer e Vanessa Rozan utilizam a prática como resposta à aceleração generalizada da vida. A convivência presencial e a possibilidade de personalizar seus objetos são as motivações de Cristiane Bertoluci e Carla Mayumi.

⁹
Depoimento disponível em reportagem publicada na matéria Revolução das Agulhas, disponível em: <<https://issuu.com/mdemulher/docs/claudia-revolucao-das-agulhas>> Acesso em mar. 2013.

¹⁰
Depoimento disponível em reportagem publicada na matéria Revolução das Agulhas, disponível em: <<https://issuu.com/mdemulher/docs/claudia-revolucao-das-agulhas>> Acesso em mar. 2013.

¹¹
Depoimento disponível em: <<http://revistadonna.clicrbs.com.br/noticia/no-calor-da-trama-peca-em-trico-croche-e-bordado-ganham-espaco-no-mundo-da-modas>>. Acesso em mar 2013.

TÉCNICAS MANUAIS, MEMÓRIA AFETIVA E O DESIGN

Por meio da atividade manual, esses grupos de jovens da geração Y resgatam o cenário emocional vivido em família ou entre amigos, personalizam a própria vida e respondem à aceleração generalizada do mundo contemporâneo.

Nos depoimentos encontrados, o principal ponto em comum é a ligação afetiva que a prática artesanal proporciona. O fazer manual faz parte de uma memória coletiva de ambiente familiar, confortável e seguro.

Para [Damacio \(2008\)](#), coordenadora do Laboratório Design e Emoção, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, somos feitos daquilo que lembramos, e sendo assim, deveríamos nos empenhar em construir artefatos mais desejáveis e experiências sociais memoráveis.

Nesse contexto, uma nova abordagem vem sendo utilizada pelos designers no desenvolvimento de projetos que voltam sua atenção para as pessoas e o modo como elas interpretam e interagem com o meio físico e social.

Donald Norman, autor do livro *Design emocional* (2008), acredita que além da forma física e funções mecânicas, os objetos assumem forma social e funções simbólicas. O que realmente importa é a história da interação, as associações que as pessoas têm com os objetos e as lembranças que eles evocam.

Os objetos em nossas vidas são mais que meros bens materiais. Temos orgulho deles, não necessariamente porque estejamos exibindo nossa riqueza ou status, mas por causa dos significados que eles trazem para nossas vidas. Um objeto favorito é um símbolo, que induz a uma postura mental positiva, um lembrete que nos traz boas recordações, ou por vezes uma expressão de nós mesmos. E esse objeto sempre tem uma história, uma lembrança e algo que nos liga pessoalmente àquele objeto em particular, aquela coisa em particular ([NORMAN, 2008, p.26](#)).

As lembranças despertadas pelo fazer manual nesses grupos de jovens contemporâneos refletem a experiência de suas vidas e recordam momentos agradáveis. A prática também reflete a maneira como esses se colocam perante a vida e demonstra seus desejos, anseios e aspirações. Para Norman, os produtos podem ser projetados para realçar esses aspectos.

Assim, refletir sobre as relações estabelecidas por esses grupos de jovens com as técnicas manuais possibilita um novo campo de observação para os designers que, ao voltarem sua atenção para as pessoas e o modo como interagem com o meio físico e social, poderão projetar com foco nas lembranças proporcionadas por essa prática, contribuindo para o desenvolvimento de projetos que resgatem memórias afetivas.

REFERÊNCIAS

- 1 AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- 2 BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- 3 BORGES, Adélia. **Design + artesanato: o caminho brasileiro**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.
- 4 DAMAZIO, Vera. **Design e Emoção: alguns pensamentos sobre artefatos de memória**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN. 2008, Paraná. Disponível em: <http://www.dad.pucrio.br/labmemo/artefatos_de_memoria.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2012.
- 5 CARVALHO, João Henrique. **A publicidade nas redes sociais e a geração y: a emergência de novas formas de comunicação publicitária**. Revista Negócios em Projeção, Brasília, v. 2, n.2, p.91-105, jul. de 2011. Disponível em: <http://revista.faculdadeprojecao.edu.br/revista/index.php/Projecao/article/view/101>. Acesso em: 3 nov. 2012.
- 6 HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- 7 LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.
- 8 MELLO, Raphaella. **Tricô e crochê nas mãos de grandes designers**. Disponível em: <<http://casa.abril.com.br/materia/volta-trico-croche#1>>. Acesso em: 10 out. 2012.
- 9 NORMAN, Donald A. **Design emocional: por que adoramos (ou detestamos) os objetos do dia-a-dia**. São Paulo: Rocco, 2008.
- 10 PACCE, Lilian. **Destaque da casa de criadores**. GNT, 16 de julho de 2012. Disponível em: <<http://gnt.globo.com/moda/lilian-pacce/Vem-ver-os-destaques-da-Casa-de-Criadores-.shtml>>. Acesso em: 03 abr.2013.
- 11 PHILLIPS, Carol. **A Geração Y já era prevista no início dos estudos sobre gerações?** Revista Foco em gerações, junho, 2010. Disponível em: <<http://www.focoemgeracoes.com.br/index.php/2010/06/07/a-geracao-y-ja-era-prevista-no-inicio-dos-estudos-sobre-geracoes/>>. Acesso em: 22mar.2013.
- 12 RÖDEL, Helen. **Documentário Estudos MMXI**. Vimeo, 2012. Disponível em: <<https://vimeo.com/24927348>>. Acessoem: 06 mar. 2013.
- 13 SARAH, Keeling. **Advising the Millennial Generation**. NACADA Journal, v. 23.2003. Disponível em: <http://depts.washington.edu/apac/roundtable/12-05-05_millenial_generation.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2013.
- 14 SHIRAI, Mariana. **Revolução das agulhas**. Revista Cláudia, agosto de 2012. Disponível em <<https://issuu.com/mdemulher/docs/claudia-revolucao-das-agulhas>>. Acesso em 13 mar 2013.
- 15 UDALE, Jenny. **Fundamentos de design de moda: tecidos e moda**. Porto Alegre: Bookman, 2009.